

# V Seminário do MUSEU D. JOÃO VI



Coleções de arte: formação, exibição e ensino  
Anais eletrônicos - Painéis de pesquisa

Organização:  
Ana Cavalcanti  
Marize Malta  
Sonia Gomes Pereira

## **Um olhar preservacionista sobre doações em museus: a Coleção de Arte Popular Renato Miguez no Museu D. João VI.**

Benvinda de Jesus Ferreira Ribeiro<sup>1</sup>

### **Introdução**

A preservação de bens patrimoniais segundo Paulo Cesar Tomaz (2010) “deve ter por finalidade conservar traços da vida comum, quotidiana, e mostrar como vivia a sociedade em determinada época”, o autor diz que aquilo que se tem a intenção de conservar, será sempre um objeto considerado valioso, seja pelo valor de sua composição material, “seja por uma herança histórica ligada a uma personalidade ilustre e por isso mesmo dominadora”<sup>2</sup>.

Quando pensamos na preservação de bens patrimoniais, pelo valor de seus materiais, pela técnica apresentada ou por outros aspectos culturais, mais que ainda não são considerados como tal, como é o caso da obras da Coleção de Arte popular recém adquirida pelo museu D. João VI – EBA-UFRJ, doadas pela família do ex-professor da escola de Belas Artes, Renato Miguez. Renato. Destacamos, neste trabalho, a importância de alguns procedimentos teórico/práticos, que vão contribuir para sedimentar a existência destas obras como bens de valor dentro deste museu, quando se tornam referência de um período histórico não mais de uma pessoa/coleccionador, mais de várias. E dentro deste contexto que propomos demonstrar como devem ser os procedimentos de identificação, análise e avaliação de seu estado de conservação para posteriores procedimentos de intervenção com a finalidade de preservá-los.

### **1- A preservação de obras /objetos de arte**

Para a conservação e restauração de obras ou objetos de arte precisamos estar atentos à especificidade do estudo que envolve não só o caso em análise, mas todo e qualquer bem material que entrará em processo de conservação e restauração, pois uma ação equivocada pode levar a uma perda irreparável à história do patrimônio.

Segundo Marilúcia Bottalo<sup>3</sup>, quando se desenvolve uma ação cuja intenção é a preservação, devemos compreender os aspectos materiais e construtivos da obra considerando seus atributos, significados e simbologia. Pois é “no aspecto imaterial que, muitas vezes, se

justifica a manutenção de objetos que não são valiosos nem por sua forma de confecção ou pela preciosidade de seus componentes”.

A preservação do patrimônio trás em si a necessidade de um alto grau de conhecimentos tecnológicos/ práticos / teóricos (conceitos, princípios e critérios que direcionam essa ação) na busca da integridade dos bens culturais. Conhecimentos estes que necessitam ser constantemente atualizados dentro de um pensamento preservacionista, e que devem estar abertos à condição da obra se arte.

Conservar para não restaurar é um dos primeiros objetivos que se deve ter em mente, ao pensar na preservação de bens culturais. Deste modo evita-se a intervenção nos valores estéticos e históricos da obra. Mas quando não é possível a concretização de tal objetivo, realiza-se a restauração, com a finalidade de trazer de volta a unidade figurativa da obra, “desde que isso seja possível sem cometer um falso artístico ou um falso histórico, e sem cancelar nenhum traço da passagem da obra de arte no tempo” (Brandi, 2004)<sup>4</sup>. Este tratamento deve se limitar ao mínimo necessário que garanta a estabilidade estrutural do objeto, sem causar quaisquer alterações físicas, químicas ou formais desnecessárias (Schäfer, 2006)<sup>5</sup>.

Portanto, segundo o código de ética a conservação-restauração, é “o conjunto de práticas específicas, destinadas a estabilizar o bem cultural sob a forma física em que se encontra, ou, no máximo, recuperando os elementos que o tornem compreensível e utilizável, caso tenha deixado de sê-lo” (ECCO, Duvivier, 1998)<sup>6</sup>

Para tais ações o conservador-restaurador deve estar sujeito ao Código Ética e Deontológico da profissão que nunca deve ser ignorado, pelo contrário, deve ser sempre aplicado em cada intervenção de Conservação e Restauo de obras de arte, independentemente do seu valor artístico, histórico ou cultural.

Desta forma para demonstrarmos a proposta, cuja finalidade é a preservação, utilizamos como exemplo as obras da coleção doadas ao museu, por seu valor estético e formal, e, sobretudo, por serem obras que identificam e representam culturas diversificadas.

## **2- Doações - A Coleção de Renato Miguez no museu D.João VI**

As coleções são a semente dos museus, e logo deles se tornam corpo e alma. Fazem com que o conhecimento se enriqueça e se amplie no diálogo com os elementos recolhidos e reunidos como testemunhos vivos da arte, da história, da ciência e da vida<sup>7</sup>.

A obras/objetos da Coleção de arte popular segundo Carla Costa Dias<sup>8</sup> chegam ao museu em fevereiro de 2012, através de doação do professor da Escola de Belas Artes, que ministrava a disciplina de Folclore, Renato Miguez. Renato Miguez era Alagoano e ingressou na Escola de Belas Artes em 1947, sendo aluno de modelagem de Celita Vacanni e também de João Zaco Paraná. Após ganhar uma bolsa de estudos (1960) para estudar em outro país, conclui seus estudos mais ainda permanece por um tempo estrangeiro, trazendo mais tarde das viagens realizadas inúmeros objetos de Arte Popular, dando início a sua coleção, composta de aproximadamente 1250, segundo referências constantes em listagem e nas embalagem das obras/objetos. Estas obras/ objetos demonstram manualidade técnica (nos diferentes modos de modelar, no uso das cores, de argilas, nos acabamentos, etc.) individual de artistas de diferentes regiões brasileiras, de artistas estrangeiros, entre outros.

Na doação recebida pelo museu, encontramos algumas peças identificadas como as obras de escultura em terracota de Ernestina, Marliete e obras de artistas de referência como mestre Vitalino<sup>9</sup>, outras aparecem de um modo geral sem identificação. Encontramos obras em madeira policromada, terracota sem camada pictórica e com policromia, entre outras.



Fig. 1 Obra de Ernestina  
Foto: Renata Carvalhães



Fig. 2: Obra de Mestre Vitalino Foto:  
Renata Carvalhães

### 3- Procedimentos para preservação de obras/objetos de arte

Demonstraremos a seguir os primeiros passos pertinentes a conservação, para possível elaboração de um futuro projeto para intervenção em bens culturais, em especial de arte popular da Coleção Renato Miguez em sua diversidade estético-formal.

Segundo Froner e Souza<sup>10</sup> os procedimentos iniciais são chamados de estudos preliminares. Neste estudo deve constar: uma extensa documentação da obra, análise histórica e de uso, análise morfológica e sobre as técnicas construtivas. No segundo momento avaliação do estado de conservação e proposta de tratamento, baseada nessas informações obtidas. Com estes levantamentos e conclusões sobre a obra e seus processos de degradação, podemos criar metodologias para intervir sobre as mesmas, fundamentados nos princípios e conceitos da restauração.

Atualmente nas obras da referida coleção, doadas ao Museu D.João VI, estão sendo realizadas dentro desse padrão apresentado. A princípio está sendo realizada a catalogação das obras, onde deverá estar reunidos o máximo de informações sobre o objeto. Nesta seqüência, como sugerido por Froner e Souza, devem ser realizadas análises das alterações físicas e estéticas, onde devemos averiguar e identificar danos e degradações nas obras, através da avaliação do estado de conservação das obras.

#### 3.1- O estado de conservação das obras de arte popular

Através de um exame organoléptico, as obras da coleção de arte popular apresentam-se de modo geral em razoável estado de conservação. Podemos observar obras com o aspecto visual comprometido, apresentando: sujidade, perdas de volumetria, partes faltantes, fissuras, volumetria em despreendimento, partes faltantes, entre outros. **Exemplos de danos** (ver figuras 3-5).

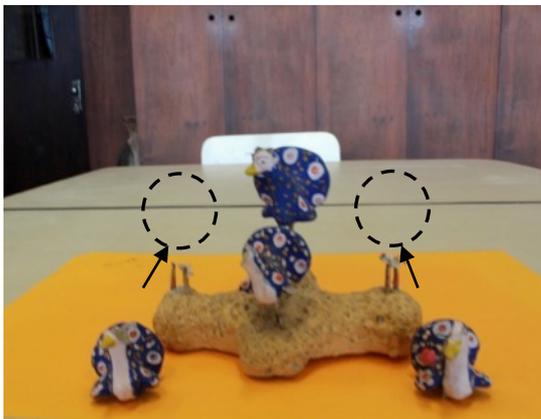


Fig. 3: Volumetria em desprendimento.  
Foto: Renata Carvalhães

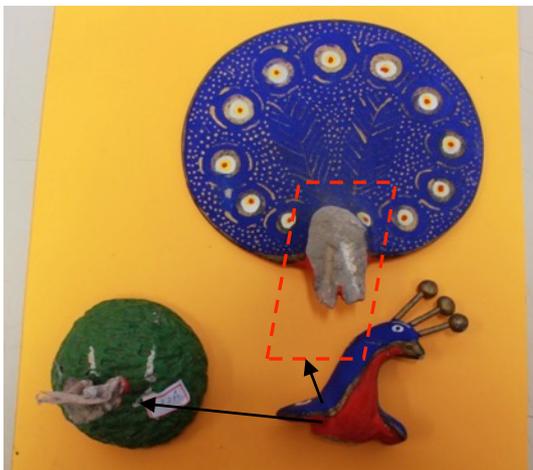


Fig. 4: Volumetria em desprendimento.  
Foto: Renata Carvalhães



Fig. 5: Camada sujidade sobre as peças. Foto:  
Renata Carvalhães

Para tanto, quando chegarmos a alguma etapa que não nos permita através de pesquisa histórica e técnica da obra, a identificação sobre autoria, a técnica construtiva, de degradações da camada pictórica, instabilidade estruturais, rachaduras, entre outros questionamentos. Podemos em resposta a estes questionamentos nos utilizar da ciência através dos exames científicos.

### 3.2- A análise científica

Na análise científica de obras/objetos de arte temos as técnicas de investigação, que compreendem: as investigações analíticas e as estruturais. “As analíticas identificam os materiais

utilizados na execução e as estruturais auxiliam na análise da forma e no diagnóstico do estado de conservação, segundo a integridade do suporte” (NUNES, 2006, p.56)<sup>11</sup>.

Nas técnicas de investigação analíticas e estruturais temos os exames na obras de arte que podem ser: **globais ou de superfície**, também conhecidos como não destrutivos e os **exames pontuais ou destrutivos**: são realizados a partir de amostras, retirada ou fragmentos retirados do objeto para um reconhecimento de sua composição e estrutura.

Dentro da diversidade de exames científicos utilizados na análise de obras e objetos de arte, podemos identificar nas obras em questão em madeira policromada, por exemplo, o tipo de madeira e a cor ou pigmento ou nas obras em terracota o tipo de argila utilizada pelo artista.

Através de exames não destrutivos como a **Florescência de Raio X**, obtemos a composição elementar dos pigmentos , bem como a composição elementar da argila utilizada<sup>12</sup>. Com os exames destrutivos como a microscopia ótica, conseguimos identificar o tipo de madeira, através da preparação cuidadosa de uma lâmina histológica e a observação da mesma no microscópio óptico. Com o resultado obtido pode-se fazer comparações entre outras espécies já analisadas, identificando-a<sup>13</sup>. Nas obras em terracota podemos utilizar outros exames como a **Difração de raios X (DRX)**, para tanto obtemos através da retirada de amostra, a caracterização dos minerais e a identificação da forma cristalográfica em que estes estão dispostos.

Com o resultado dos exames científicos podemos obter dados para determinar a região ou país que a obra pertence ou atribuir autoria a obra, devido à identificação da espécie de madeira e do tipo de cor ou pigmento, entre outras características. Com isto conseguimos fazer, por exemplo, comparações entre as obras já identificadas, como as de mestre Vitalino e de Marliete com as não identificadas, ou ainda compará-las a obras de arte popular de outros museus que já tenham sido identificadas por atribuições. Desta forma podemos chegar a conclusões sobre os questionamentos que venham a ocorrer e a identificar possíveis intervenções anteriores nestas obras, bem como alterações.

Após estas conclusões faremos a proposta de intervenção, necessárias a integridade física e estética destas obras, com a finalidade de preservá-las.

## Considerações finais

Como vimos anteriormente, quando nos propomos a realizar ações de conservação e restauração que contribuam para a preservação de patrimônios de cultura, devemos estar atentos

a uma série de procedimentos teóricos/práticos que vão nos conduzir a metodologias pertinentes a uma intervenção consciente na obra.

Mas o que devemos é estar atentos é, sobretudo, no ambiente onde a obra se encontra. Não devemos pensar na obra em si, mas no seu entorno, pensar na circulação das pessoas, na iluminação, no manuseio, nos modos de embalar e transportar, fatores que podem conduzir a alterações ou transformações muitas vezes irreparáveis no corpo da obra preservada.

Desta forma antes de qualquer ação direta na obra precisamos cuidar do espaço/ambiente que agrega as obras, analisando, identificando e promovendo ações para o gerenciamento de riscos, utilizando-se de conceitos da conservação preventiva.

## Notas

<sup>1</sup> Possui Mestrado em arquitetura na área de restauração e gestão do patrimônio - bens integrados artísticos (2009) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, pós-graduação em arquitetura na área de restauração de bens integrados artísticos pelo Centro Universitário Metodista - UNIBENNETT (2004), graduação em Escultura (2003) e em Composição Paisagística (1994) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Atualmente é professora da graduação do curso de conservação e restauração de Bens Culturais Móveis da Escola de Belas Artes e restauradora do Museu D. João VI.

<sup>2</sup> TOMAZ, P. C. **Preservação do Patrimônio Cultural e sua Trajetória no Brasil**. Disponível em: <http://www.revistafenix.pro.br/vol23paulo.php>. Acesso em 25 de julho de 2014.

<sup>3</sup> BOTALLO, M. Ética e preservação. **Boletim Abracor**, v. 5, n. 2-3, p. 3-5, mar./ago.1998.

<sup>4</sup> BRANDI, C. **Teoria da Restauração**. Trad. Beatriz Köhl. São Paulo: Atelier Editorial, 2004.

<sup>5</sup> SCHÄFER, Sthafan. **O desencontro entre os princípios éticos e a prática de restauro – uma questão de (pre)conceitos e de formação Profissional?** – XII Congresso ABRACOR, Fortaleza, 2006.

<sup>6</sup> ECCO, DUVIVIER, E. M. A, **Código de Ética: um enfoque preliminar**, in: Boletim da Associação Brasileira de Conservadores-Restauradores de Bens Culturais - ABRACOR, Ano VIII, N. 1 - Julho/1988, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

<sup>7</sup> SANTOS, A. O. A - **Museus: as coleções criam conexões, 12ª Semana Nacional de Museus**. Disponível em <http://eventos.museus.gov.br/docs/MUSEUS%20as%20cole%C3%A7%C3%B5es%20criam%20conex%C3%B5es.pdf>. Acesso em 14 de julho de 2014.

<sup>8</sup> Professora adjunta da Universidade Federal do Rio de Janeiro e coordenadora do Museu Dom João VI da Escola de Belas Artes /UFRJ.

<sup>9</sup> Vitalino Pereira dos Santos: “Mestre Vitalino”Nascido em 1909, em Ribeira dos Campos, distrito de Caruaru (1909-1963). Desde os seis anos de idade manjava o barro e criando uma série de peças, sendo a primeira “um caçador de gato maracajá” (Museu D.João VI, 2013).

<sup>10</sup> FRONER, Y; SOUZA, A. L. C. **Preservação de Bens culturais. Conceitos e critérios. Tópicos em conservação preventiva 3**. Belo Horizonte. Escola de Belas Artes- UFMG, 2008.

<sup>11</sup> NUNES, M. A. **Sistemas Construtivos e Suas Representações: retábulos executados entre o século XVIII e XIX da arquitetura religiosa de Florianópolis**. 2006. 188 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

<sup>12</sup> Calza, C. F. **Desenvolvimento de Sistema Portátil de Fluorescência de Raios X com Aplicações em Arqueometria**. 2 173 f. Tese (Doutorado em Engenharia Nuclear) – COPPE, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil.

<sup>13</sup> Instituto de Pesquisas Tecnológicas. Disponível em : <http://www.ebah.com.br/content/ABAAABt68AI/identificao-madeiras-ipt> . Acesso em: 7 de agosto de novembro de 2014.